



Revista da Universidade Vale do Rio Verde
ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362
Vol. 16 | n. 1 | Ano 2018

Andréia Maria Kremer

Universidade Federal da Grande Dourados
andreiakremer@ufgd.edu.br

Ivânia Freire da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso
Ivifreire_@hotmail.com

Wesley Batista Akahoshi

Universidade Federal da Grande Dourados
wesleyakahoshi@ufgd.edu.br

Erlaine Binotto

Universidade Federal da Grande Dourados
erlainebinotto@ufgd.edu.br

A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR DO PRODUTOR RURAL: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA SOB O PAPEL DE UMA COOPERATIVA

RESUMO

As mudanças no ambiente econômico estão forçando os produtores rurais a buscarem alternativas de sobrevivência no contexto dinâmico e competitivo dos mercados, através da obtenção de novos conhecimentos nas mais diversas áreas. Dessa forma, buscou-se identificar quais as contribuições que as organizações cooperativas rurais podem gerar para a formação de conhecimentos interdisciplinares para o produtor rural, através da aplicação de entrevistas com questionários, simultaneamente com pesquisas bibliográficas e documentais. Através da análise verificou-se que a cooperativa, diante de seu caráter integrador, atua no fortalecimento de laços de amizade, cooperação e confiança entre os piscicultores, gerando um ambiente propício para a troca de informações e experiências, capazes de formar um conhecimento interdisciplinar para o produtor rural. Tal ambiente é relevante ao considerar principalmente, que o conhecimento dos produtores pesquisados é formado basicamente por suas experiências anteriores, por trocas de experiências ou por ações de educação não formal que o produtor participou ao longo da vida.

Palavras-chave: Cooperativas. Aprendizagem. Interdisciplinaridade. Produtores. Conhecimento.

THE FORMATION OF INTERDISCIPLINARY KNOWLEDGE OF FARMERS: AN EMPIRICAL APPROACH IN THE ROLE OF A COOPERATIVE

ABSTRACT

The changes in the economic environment are forcing farmers to seek alternatives for survival in the context of dynamic and competitive markets, by gaining new knowledge in several areas. Thus, we sought to identify the contributions that rural cooperative organizations can generate for the formation of interdisciplinary knowledge to farmers through the application of interviews with questionnaires, along with bibliographic and documentary. Through the analysis it was found that the cooperative before its integrating character, serves to strengthen ties of friendship, cooperation and trust among fish farmers, creating an enabling environment for the exchange of information and experience, capable of forming an interdisciplinary approach to the farmer. Such an environment is relevant to consider mainly the knowledge of the surveyed producers is formed basically by their previous experiences, exchange of experience or non-formal education activities that producers participated throughout life.

Keywords: Cooperatives. Learning. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

As estruturas organizacionais têm apresentado mudanças no decorrer dos anos, na economia como um todo. Essas mudanças causaram grandes impactos nas estratégias competitivas, forçando os produtores rurais a buscar por alternativas de sobrevivência no mercado. O processo de gestão das propriedades rurais está exigindo dos produtores “muito mais do que apenas conhecer as técnicas de produção. É preciso, neste caso, saber o que produzir e quando produzir, tendo em vista o mercado consumidor” (SAMPAIO e AKAHOSHI, 2011, p.2).

O produtor rural precisa, para o desenvolvimento das atividades de sua propriedade, possuir sensibilidade para conhecer tudo que se refere a fenômenos naturais, fatores climáticos, fertilidade do solo, vegetação, reprodução e alimentação de animais, informações de mercado, preço, qualidade, mão de obra, custos e custos de oportunidade (TORCHELLI, 1984). Os saberes necessários ao produtor rural perpassam as fronteiras das disciplinas administrativas, econômicas, agrônomicas ou biológicas, evidenciando a necessidade de abordagens interdisciplinares na formação do conhecimento do produtor rural.

Além dessa necessidade de saberes interdisciplinares, a aprendizagem no meio rural ainda possui outra característica fundamental, o

produtor rural aprende principalmente através da troca de experiências com outros produtores. Essa troca de experiências somente ocorre em condições favoráveis de interação e confiança entre os membros, demonstrando que a integração dos produtores surge como propulsor da aprendizagem organizacional.

Nesse contexto, as cooperativas surgem como alternativas de organização de produtores em busca de objetivos comuns, através do trabalho coletivo. Para que as cooperativas atendam os seus objetivos, a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), criou uma série de princípios que devem ser seguidos pelas organizações cooperativas e seus membros. Visto a diversidade e complexidade dos princípios, neste estudo o foco será no princípio da educação, formação e informação, dada as particularidades do processo de aprendizagem no meio rural.

Ao considerar o conceito proposto por Nonaka e Takeuchi (1997), de que as organizações não podem criar conhecimentos por si só, pois necessita da interação entre os indivíduos, associados aos conceitos de confiança e cooperação, questiona-se em quais aspectos a cooperativa pode incentivar a educação, formação e informação de forma interdisciplinar para os produtores rurais?

Com vistas a responder o questionamento apresentado, objetiva-se neste estudo identificar quais as contribuições que as

organizações cooperativas rurais podem gerar para a formação de conhecimentos interdisciplinares para o produtor rural, visto a necessidade de amplos conhecimentos, em diversas áreas, através da aplicação de estudo com os membros de uma cooperativa de piscicultores.

A INTERDISCIPLINARIDADE E SEUS ASPECTOS

O homem tem buscado ao longo do tempo, associar o seu conhecimento com a forma de aprender e produzi-lo. Nesse caminho, a partir do século XX, foi possível identificar o surgimento da interdisciplinaridade, bem como o uso do seu termo e relatos em documentos e registros históricos.

A interdisciplinaridade emergiu nos anos 1960 na Europa, como uma proposta inovadora na produção do conhecimento, tornando-se um conceito forte e de expressão acerca dos conceitos de multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, à luz de uma reflexão epistemológica. Assim, muitos foram os resgates históricos nos textos clássicos de especialistas, tais como: Heinz Heckhausen, Jean Piaget, Eric Jantsch, Marcel Boisot, Georges Gusdorf.

No Brasil, segundo Fazenda (1994), os estudos sobre interdisciplinaridade iniciaram na década de 1960 com o livro *Interdisciplinaridade e patologia do saber* de Hilton Japiassú, que trouxe as suas contribuições acerca desta temática interdisciplinar. Segundo Fazenda (1994, p. 19) “Esse posicionamento nasceu como oposição (...), às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda

e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção a uma patologia do saber”.

Assim, a interdisciplinaridade refere-se a uma “combinação apropriada de conhecimento de muitas especialidades diferentes, especialmente como um meio para lançar solução a um novo problema real” Brewer (1999, p. 328). Nesta perspectiva, os estudos interdisciplinares requerem uma ‘colaboração’ entre as diferentes disciplinas, com vistas a serem estudadas adequadamente (RAYNAUT, 2000). Pensamento interdisciplinar envolve uma visão mais holística do que disciplinar.

Para sucesso da interdisciplinaridade é preciso cruzar as fronteiras disciplinares que a envolve, ou seja, quebrar as regras, bem como questionar os paradigmas e normas, que muitas vezes são considerados inadequados.

No meio rural, devido principalmente às resistências culturais ao novo, os desafios para o conhecimento interdisciplinar são ainda maiores. O modelo de desenvolvimento agropecuário convencional tem se mostrado insuficiente. Faz se necessário, segundo Costa (2009, p. 25) “a constituição de uma nova lógica de desenvolvimento rural, pautada na integração dos saberes, dotada de uma visão holística que possa dar conta dos problemas econômicos, sociais, ambientais revelados na atual sociedade”.

APRENDIZAGEM NAS ORGANIZAÇÕES

O termo aprendizagem, pela sua natureza cognitiva e multidisciplinar não possui uma definição única adotada, assumindo definições

distintas em diferentes áreas do conhecimento, independente da abordagem individual ou organizacional. Os conceitos de aprendizagem apesar de surgirem de diferentes correntes teóricas, possuem em comum a adoção da aprendizagem como um processo de utilização do conhecimento adquirido para a mudança de comportamentos (CARAVANTES; PEREIRA, 1985; FLEURY; FLEURY, 1997; SWIERINGA; WIERDSMA, 1995).

Caravantes e Pereira (1985, p. 6) definem o aprendizado como um “processo de aquisição da capacidade de usar o conhecimento, que ocorre como resultado da prática e da experiência crítica e que produz uma mudança relativamente permanente no comportamento”.

Dyer e Nobeoka (2000) caracterizam as rotinas de aprendizagem como um padrão regular de interações entre os indivíduos que permitem a transferência, recombinação ou criação de conhecimento especializado.

O conceito de aprendizagem correlacionada com um processo de interações entre indivíduos gerando um processo coletivo, proposto por Dyer e Nobeoka também foi adotado por Larsson *et al.* (1998, p. 287) ao afirmar que a aprendizagem organizacional “(...) pode, então, ser vista como uma aquisição coletiva de conhecimento entre um conjunto de organizações”. Dyer e Nobeoka (2000) afirmam que a empresa deve ser capaz de criar e se posicionar nas redes de aprendizagem/organizações criando rotinas para o compartilhamento de conhecimento entre os membros participantes.

Larsson *et al.* (1998) afirma que a aprendizagem interorganizacional acontece

através da transferência do conhecimento existente de uma organização para outra, como também criando conhecimento completamente novo através da interação entre as organizações. Porém, para que o processo de aprendizagem interorganizacional seja efetivo e não sofra interferências oportunistas de algum dos envolvidos, é necessário que este se alicerce em relações de confiança, transparência e cooperação.

Além dos aspectos abordados por Larsson *et al.* (1998), algumas variáveis também podem influenciar na forma e na intensidade da aprendizagem interorganizacional. Levinson e Asahi (1995) afirmam que devem ser considerados os fatores culturais, estruturais e tecnológicos. No caso das organizações rurais, o fator cultural é determinante do sucesso ou fracasso no processo de aprendizagem. Nessas organizações o conhecimento explícito é reduzido, considerando o baixo nível de escolaridade e a cultura própria das pessoas que vivem no meio rural, que caracterizam-se pela informalidade. Binotto (2005, p.71) demonstra a importância do fator cultural ao afirmar que “os pequenos agricultores preferem buscar informações de fontes que compartilham com seus valores e que lhes trarão noções de alinhamento com a sua atividade”.

O processo de aprendizagem nas organizações rurais possui como característica a necessidade de estar alicerçado em padrões culturais compatíveis ao produtor rural e baseado em fortes laços de confiança. Nesse aspecto as organizações cooperativas ou associativas surgem como meios de criação dos ambientes propícios para a geração do conhecimento.

O associativismo e/ou o cooperativismo pressupõe uma relação social entre as pessoas, compartilhamentos, aprendizagem, construção de conhecimento, ajuda mútua, cooperação, relacionamentos face a face, entre outras formas de interação social, e que se fazem necessárias para a formação de uma organização formal.

A cooperação sempre existiu nas sociedades humanas visando, sobretudo, a sobrevivência. Assim, comunidades se uniam a milhares de anos, com o intuito de atingir objetivos e propósitos que sem cooperação seria muito difícil realizarem.

Segundo Gianezini, et al.(2009, p. 6) a cooperação é “[...] uma relação de colaboração, auxílio, trabalho mútuo e de trocas recíprocas entre homens. É um atributo das relações sociais que precisa ser valorizado tanto quanto é importante”. A cooperação é a base de onde surge a empresa formal denominada cooperativa.

Pode-se evidenciar a importância da cooperativa para os produtores rurais através da ideia de Martínéz e Pires (2002, p.103), “as cooperativas desempenham uma função chave nos entornos rurais, em função da configuração como organização socioeconômica de natureza demográfica, ajustando-se perfeitamente aos postulados do desenvolvimento rural”.

Conforme mencionado anteriormente, as organizações cooperativas possuem princípios doutrinários, que regem de forma geral como deve ser uma organização cooperativa. De acordo com os princípios listados pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), que foram baseados nos princípios da cooperativa primitiva de Rochdale, são: Adesão voluntária e livre; Gestão democrática pelos membros; Participação

econômica dos membros; Autonomia e independência; Educação, formação e informação; Intercooperação; Interesse pela comunidade.

Baseado nesses princípios, a cooperativa traz vantagens competitivas para os produtores, de forma a fortalecê-los diante do mercado, garantindo ao produtor um menor risco na sua atividade e um maior valor agregado para os seus produtos que, isoladamente, em muitos casos, seriam presa fácil daqueles mercados (BIALOSKORSKI NETO, 1994).

Cabe ressaltar o aprendizado como benefício que as sociedades cooperativas podem trazer para o cooperado e a comunidade onde está inserida, considerando que o trabalho em conjunto é sua principal fonte de conhecimento, segundo Oliveira (2001), onde cada um aprende com o outro. Neste ponto, a ACI mostra através dos princípios doutrinários da cooperativa, um fator que têm grande importância para a cooperativa: a educação, formação e informação.

METODOLOGIA

Com a finalidade de atender o objetivo proposto optou-se por analisar uma cooperativa de piscicultores no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Inicialmente foi realizada uma análise da estrutura da cooperativa, com o objetivo de identificar quais são os produtores piscicultores que seriam abordados no estudo. A cooperativa possui 21 piscicultores cooperados, e para o estudo foi possível aplicar o questionário com uma amostra de 62% dos cooperados, ou seja, 13 piscicultores, visto que alguns piscicul-

tores não se encontravam no município e dois estavam hospitalizados.

A coleta de dados foi realizada com a utilização de questionários, com questões fechadas e questões abertas. O estudo buscou realizar uma análise de dados baseada no método qualitativo.

Com a finalidade de garantir e respeitar a individualidade e o anonimato dos pesquisados, não serão citados os nomes dos cooperados e será mantido sigilo quanto ao nome da cooperativa para esse estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado em um município localizado ao sul de Mato Grosso do Sul, que possui condições bastante favoráveis ao desenvolvimento da atividade de piscicultura.

Tabela 1 – Nível de escolaridade

Grau de Escolaridade	Frequência
Ensino fundamental incompleto (1º grau)	53,8%
Ensino médio completo (2º grau)	23,1%
Ensino superior completo (graduação)	23,1%

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 demonstra que o nível de escolaridade entre os cooperados entrevistados é baixo, possuindo mais de 53% dos produtores apenas o ensino fundamental incompleto. Essa estatística fortalece a ideia que devido a baixa escolaridade, a dificuldade de criação de conhecimento de forma sistemática e explícita através de métodos tradicionais se torna até certo ponto pouco eficientes. O índices de escolaridade evidenciam que a manutenção de

A região possui um grupo forte de piscicultores, organizados em forma de cooperativa. Esta foi constituída em dezembro de 1999 com o objetivo principal de comercializar o pescado produzido pelos seus cooperados e de adquirir insumos para criação de peixes. Atualmente mantém 21 cooperados.

A análise inicial de caracterização dos produtores verificou que 92,3% dos entrevistados são do sexo masculino e 7,7% do sexo feminino. Do total de entrevistados 7,7% encontra-se com idade entre 21 a 30 anos, 30,8% entre 31 a 40 anos, 38,5% entre 41 e 50 anos e 23,1% com mais de 51 anos. Foram investigados também a escolaridade dos cooperados, conforme apresentado na Tabela 1.

suas propriedades é realizada através de conhecimentos oriundos de experiências anteriores, troca de informações com outros produtores e educação não formal.

Corroborando com a análise, no que tange a criação do conhecimento, pode-se relacionar o nível de escolaridade com a fonte de aprendizado referente a piscicultura e gestão da propriedade. A Tabela 2 apresenta as principais fontes de aprendizado dos cooperados.

Tabela 2 – Fonte de Aprendizado sobre Piscicultura e Gestão da Propriedade.

Fontes	Frequência
Jornais, revistas, livros	6,7%
Internet	6,7%
Assessoria técnica	13,3%
Informações da Cooperativa	6,7%
Produtores (troca de experiência)	40,0%
Eventos, encontros e palestras.	16,7%
Outros.	10,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando a Tabela 2, constata-se que a principal fonte de aprendizado é a troca de experiências entre os produtores. Ainda se for considerado a assessoria técnica (13,3%), informações da cooperativa (6,7%), e os eventos, encontros e palestras (16,7%) obtêm-se um total de 76,7% de fontes de aprendizado que independem da escolaridade, e que em sua maioria são transmitidos de forma tácita.

As fontes de aprendizado demonstram a importância das formas alternativas de geração do conhecimento, e nesse contexto a influência da cooperativa. A troca de experiências entre os produtores, as informações da cooperativa e a participação de eventos, encontros e palestras ocorrem devido à organização cooperativa, visto que a cooperativa cria um ambiente de confiança para a troca dessas experiências.

A cooperativa possui, nesse contexto, a possibilidade de fornecer apoio técnico e informacional a uma série de produtores de forma integrada, através de apoio técnico, participação em eventos e na troca de experiências entre os piscicultores, através da junção de produtores nas atividades da cooperativa.

A experiência na criação de peixes têm em média, entre os cooperados entrevistados, cerca de 13 anos. No entanto, os valores

absolutos variaram entre 5 e 21 anos de experiência na atividade. Sendo assim, existem produtores com diferentes níveis de experiência, considerando apenas os anos de atuação na atividade, e os novos produtores aprendem através da experiência dos produtores mais experientes, e a cooperativa como forma de organização pode proporcionar essa aprendizagem, ao juntar os produtores com maiores experiências e os iniciantes na atividade.

Quando perguntado há quanto tempo eram associados a cooperativa, a média foi de aproximadamente 10 anos, no entanto, 67% dos entrevistados eram pioneiros, ou seja, estão desde a criação da cooperativa. Foi perguntado aos entrevistados se haviam reuniões informais com objetivo de trocar experiências, antes da criação da cooperativa, e verificou-se que metade dos produtores afirmou realizar as reuniões.

De acordo com os entrevistados, as reuniões eram para tratar de assuntos relacionados à piscicultura e, na opinião deles, através dessas reuniões surgiu a ideia da cooperativa como solução do problema de comercialização. Entre esses produtores, que se reuniam antes da formação da cooperativa, verifica-se que existe uma relação forte de troca de experiências, visível ao questionar com quais cooperados eles possuem maior aprendizado.

Essas trocas de experiências são importantes na formação interdisciplinar do piscicultor, visto que de acordo com as informações prestadas por eles, as incertezas que rondam a atividade são de dimensões diversas e

das mais variadas disciplinas, conforme apresentado na tabela 3. Os dados da tabela 3 demonstram o grau de importância de cada um dos fatores, sendo que o valor 5 é o mais importante e o valor 1, sem importância.

Tabela 3 - Incertezas da piscicultura.

Fatores	S/N	1	2	3	4	5
Clima				2	2	6
Pragas e doenças			1	4	2	5
Preço dos insumos					4	7
Tecnologia (conhecimentos e informações)				2	4	5
Instabilidade da demanda		1		3	3	2
Preço				1	5	4
Inadimplência			2	3	4	2
Falta de qualidade do produto					1	1
Queda do consumo		1		2	3	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 3 que o piscicultor precisa obter informações de diversas áreas do conhecimento para a gestão de sua propriedade, confirmando a proposição de Torchelli (1984).

Para ter acesso a essas informações o piscicultor pesquisado precisa buscar formas alternativas de informação, visto os baixos níveis de educação formal, e também ao fato de que as graduações não contemplariam todos os assuntos relacionados de forma interdisciplinar, conforme a necessidade detectada na Tabela 3.

O desafio nesse aspecto é muito maior que somente a busca por novos conhecimentos. O desafio é a interdependência das diversas áreas, com a conexão de causa e consequência dos fatores biológicos, agronômicos, econômicos, antropológicos, sociológicos, entre outros. Nesse contexto, a educação não formal, representada pelos cursos de capacitação, eventos, congressos, dias de campo e orientação técnica, apresenta-se como solução à demanda por conhecimentos interdisciplinares.

Dessa forma, pode-se colocar a cooperativa como a alternativa de levar uma educação voltada para o cooperado, assim como para os filhos, incluindo temas como cooperativismo, agricultura, pecuária, culturas de subsistência, gestão, mercado, etc. Neste caso a cooperativa pode ser uma forma de suprir as reais necessidades do grupo através da educação não-formal.

Com a finalidade de analisar a identificação do cooperado com a cooperativa, verificou-se que todos os entrevistados afirmaram participar nas assembleias, através da apresentação de ideias, opiniões, realizando questionamentos e participando de outras atividades.

A ampla participação dos cooperados pode ser associada ao fato da cooperativa possibilitar a participação efetiva dos membros, criando um ambiente de cooperação e confiança no grupo. Dos 13 entrevistados, 12 afirmaram que se sentem como donos da cooperativa, ou

seja, não visualizam a organização cooperativa como um órgão isolado de suporte, mas sim como parte de seus negócios. Além disso, 77% dos cooperados entrevistados afirmaram que a cooperativa sempre aceita e adota as ideias e opiniões dos membros, e 23% afirmaram que frequentemente as ideias são aceitas.

Verificou-se que os membros depositam uma confiança grande no papel da cooperativa no desempenho de suas atividades, tanto em relação ao desempenho econômico como em relação a acesso a informações e fortalecimento dos laços de cooperação entre os produtores, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 – Vantagens da cooperativa para o produtor.

Vantagens	Frequência
Vantagem de mercado (preço)	10,53%
Aumento das vendas	21,05%
Maior acesso a informações técnicas	17,54%
Aumento dos laços de amizade e troca de experiências	21,05%
Redução de custos	10,53%
Participação em eventos e treinamentos	17,54%
Outros.	1,75%

Fonte: Dados da pesquisa.

Na percepção dos piscicultores, as principais vantagens que a cooperativa trouxe aos cooperados foi o aumento das vendas, aumento dos laços de amizade e troca de experiências, participação em eventos e treinamento e maior acesso a informações técnicas. Diante dos conceitos de aprendizagem propostos por Dyer e Nobeoka (2000) e Larsson *et al.* (1998), verifica-se que a cooperativa impulsiona dois fatores essenciais para essa aprendizagem, o aumento dos laços de amizade e troca de experiências e maior acesso a informações técnicas.

Através da junção dos piscicultores em lutas por objetivos comuns, a cooperativa fortalece os laços de amizade e confiança entre esses produtores, além de juntar em um mesmo grupo pessoas com experiências e vivências diferentes, que compartilhadas, fornecem um aprendizado interdisciplinar para os membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi de identificar quais as contribuições que as organizações cooperativas rurais podem gerar para a formação de conhecimentos interdisciplinares para o produtor rural. A hipótese inicial de que a cooperativa pode incentivar a aprendizagem interdisciplinar dos produtores rurais foi confirmada, em diversos aspectos, atendendo o princípio da OCB da educação, formação e informação.

A cooperativa através de seu caráter integrador atua no fortalecimento de laços de amizade, cooperação e confiança entre os piscicultores, gerando um ambiente propício para a troca de informações e experiências, visto a resistência ao novo ou aquilo que não atende os valores do produtor, presente no meio rural, além de juntar vários produtores com objetivos e atividades em comum. Na percepção dos

produtores entrevistados a cooperativa ainda proporciona vantagens aos cooperados com o acesso a informações técnicas e conteúdo de eventos, palestras e encontros. A cooperativa proporciona acesso a informações das mais diversas áreas do conhecimento, tornando os produtores agentes capazes de solucionar problemas complexos que demandam conhecimentos em diversas áreas.

O conhecimento dos produtores pesquisados é formado basicamente por suas experiências anteriores, por trocas de experiências ou por ações de educação não formal que o produtor participou ao longo da vida. Nesse contexto, verifica-se o importante papel da cooperativa, para garantir o acesso do produtor a esses conhecimentos.

Apesar dos resultados e conclusões realizadas nesse estudo, alguns fatores influenciaram negativamente no que se refere ao aprofundamento das informações, como a falta de um histórico dos treinamentos, eventos e capacitações realizados pelos produtores. No entanto, o objetivo não é de esgotar o assunto tratado, visto que o mesmo é amplo e pode ser abordado de diversos pontos de vista.

No enfoque acadêmico, objetivou-se enriquecer o assunto ou pelo menos instigar outros pesquisadores a confirmar ou refutar as ideias e resultados aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

BIALOSKORSKI NETO, S. Agribusiness cooperativo: economia, doutrina e estratégias de gestão. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1994.

BINOTTO, E. Criação de Conhecimento em Propriedades Rurais no Rio Grande do Sul, Brasil e em Queensland, Austrália. (Doutorado). Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.

BREWER, G. D. The challenges of interdisciplinarity. *Policy Sciences*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 32, 1999.

CARAVANTES, G.; PEREIRA, M.J.L. Aprendizagem organizacional versus estratégia de mudança organizacional planejada: um confronto crítico. Porto Alegre: Fapergs, 1985.

COSTA, A. P. A interdisciplinaridade como prática educacional tecnológica em apicultura: um estudo de caso da escola agrotécnica federal de castanhal, PA. (Dissertação) Prog. de pós graduação em educação agrícola. UFRRJ. Rio de Janeiro, 2009.

DYER, J.; NOBEOKA, K. Creating and managing a high-performance knowledge-sharing network: the Toyota case. *Strategic Management Journal*, v. 21, n. 3, 2000.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade. História, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. Aprendizagem e inovação organizacional: As experiências de Japão, Coréia e Brasil. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1997.

GIANEZINI, M. et al. O cooperativismo e seu papel no processo de desenvolvimento local: a experiência das cooperativas agrícolas no médio norte de Mato Grosso. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER, 2009.

LARSSON, R., et al. The Interorganizational Learning Dilemma: Collective Knowledge Development in Strategic Alliances. *Organization Science*., v. 9, n. 3, 1998.

LEVINSON, N., ASAHI, M. Cross-National Alliances and Interorganizational Learning. *Organizational Dynamics*, v. 24, n. 2, 1995.

MARTINÉZ, I. B.; PIRES, M. L. L. E. S. Cooperativas e revitalização dos espaços rurais: uma perspectiva empresarial e associativa. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 19, n. 1, 2002.

NONAKA, I. TAKEUCHI, H. Criação de conhecimento na empresa. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OLIVEIRA, D. D. P. R. D. Manual de Gestão das Cooperativas: Uma abordagem prática. São Paulo: Atlas, 2001.

PERIN, M.G. et. al. Processo de aprendizagem organizacional e desempenho empresarial: o caso da indústria eletroeletrônica no Brasil. Revista de Administração (RAE Eletrônica), São Paulo, v. 5, n.2, art. 14, 2006.

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI, A. J. ; RECH, D. S. Cooperativas: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAMPAIO, A. L. M.; AKAHOSHI, W. B. Os Efeitos da Educação na Gestão das Propriedades Rurais: um estudo de caso em pequenas propriedades estabelecidas no Distrito de Indápolis, Município de Dourados-MS. XIII Encontro Internacional Humboldt. 2011.

SWIERINGA, J.; WIERDSMA, A. La Organización que Aprende. México: Addison-Wesley IberoAmericana, 1995.

TORCHELLI, J. C. Interação Pesquisador-produtor: um enfoque inovador na pesquisa agropecuária. Cadernos de Difusão de Tecnologia. n. 1, v. 1. Brasília, 1984.

Andréia Maria Kremer

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Ivânia Freire da Silva

Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal da Grande Dourados, professora da Universidade Federal de Mato Grosso.

Wesley Batista Akahoshi

Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Erlaine Binotto

Doutora em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora da Universidade Federal da Grande Dourados.
